



ROTA DO
ROMÂNICO

I CONGRESSO INTERNACIONAL DA ROTA DO ROMÂNICO



28 | 29 | 30 SETEMBRO 2011

COMUNICAÇÕES

FICHA TÉCNICA

PROPRIEDADE

Rota do Românico

EDIÇÃO

Centro de Estudos do Românico e do Território

COORDENAÇÃO GERAL

Rosário Correia Machado | Rota do Românico

COORDENAÇÃO DA EDIÇÃO

Gabinete de Planeamento e Comunicação | Rota do Românico

DESIGN E PAGINAÇÃO

Furtacores - Design e Comunicação

IMPRESSÃO

Gráfica Maiadouro

TIRAGEM

800

EDIÇÃO

Julho de 2012

ISBN

978-989-97769-1-3

DEPÓSITO LEGAL

347 128/12

Os textos são da exclusiva responsabilidade dos autores.

© Rota do Românico

Centro de Estudos do Românico e do Território

Praça D. António Meireles, 45

4620-130 Lousada

T. +351 255 810 706

F. +351 255 810 709

rotadoromanico@valsousa.pt

www.rotadoromanico.com

PAINEL IV Artes do Românico I

O Aparato Interno de uma Igreja Românica

LÚCIA ROSAS

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Resumo

Difícilmente podemos recriar o interior dos templos românicos, tais foram as alterações que sofreram ao longo dos tempos. Somente através da documentação podemos entrever o seu aspeto.

O espólio de esculturas de vulto, retábulos e objetos de ourivesaria ou outros metais, datados com segurança da época românica e que chegaram aos nossos dias, é muito escasso em Portugal. Contudo, qualquer templo, por muito modesto que fosse, precisava de ter livros litúrgicos, algumas alfaias e vasos sagrados para nele se realizarem os atos de culto, o que, aliás, as cartas de doação confirmam. São várias as interrogações que hoje se colocam sobre as alfaias litúrgicas e o arranjo dos altares. Qual era afinal a quantidade e frequência destes objetos? Quais eram os seus usos? Que funções tinham? Quais as práticas e rituais em que se enquadravam? Havia outros, como *antependiæ*, retábulos, dosséis, etc., de que vários países europeus guardam importantes acervos? Eram produzidos em Portugal ou correspondiam com mais frequência a obras importadas?

Nesta comunicação tentaremos responder a estas questões.

O espólio de objetos de ourivesaria e de outros metais, datados com segurança da época românica, que chegaram aos nossos dias é muitíssimo escasso. Contudo, qualquer templo, por muito modesto que fosse, precisava de ter livros litúrgicos, algumas alfaias e vasos sagrados para nele se realizarem os atos de culto, o que, aliás, a documentação da época confirma.

O cálice de Gueda Mendes (Museu Nacional Machado de Castro), justamente muito celebrado pela historiografia, tanto pela sua qualidade como pelas preciosas e raras informações que a sua inscrição comporta,

como, ainda, por estar identificado o seu doador, rico-homem da nobreza que apoiou a política autonomista de D. Afonso Henriques¹, está datado de 1152. Proveniente do Mosteiro vimaranense de Santa Marinha da Costa, o cálice de prata dourada oferecido pelos reis D. Sancho I e D. Dulce (Museu de Alberto Sampaio) está datado, por inscrição, de 1187. A patena que lhe está associado, em prata dourada, será a única peça do século XII, desta tipologia, que se conserva.

Ao Mosteiro de Alcobaça doou D. Dulce um cálice de prata dourada (Museu Nacional de Arte Antiga), cuja datação hipotética se situa entre 1174 e 1198. O cálice era destinado ao serviço do altar-mor conforme consta da inscrição gravada no interior da base. Outros dois cálices de prata dourada, guardados no mesmo Museu, datáveis da mesma cronologia e igualmente provenientes do Mosteiro de Alcobaça, terão resultado do testamento de D. Sancho I.

Uma série bastante homogénea de cruzes românicas, geralmente em cobre dourado ou outros metais e por vezes esmaltadas, testemunha que este tipo de cruz presidia às cerimónias religiosas, já que mostra, sistematicamente, figuração dos dois lados.

Duas crossas de báculo, uma designada de S. Teotónio (Museu Nacional Machado de Castro), em cobre dourado e cinzelado com cabochões e cristal de rocha, que pertenceu ao Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, e outra, em cobre dourado e cinzelado, conhecida como Báculo de Santo Ovídio ou de São Geraldo (Museu do Tesouro da Sé de Braga), estão datadas do século XII.

Excetuando o cálice de Gueda Mendes, o cálice que foi oferecido ao Mosteiro de Santa Marinha da Costa por D. Sancho I e D. Dulce e o cálice oferecido pela mesma rainha ao Mosteiro de Alcobaça, ou seja, as pe-

¹ BARROCA, Mário Jorge - "Cálice". In MORENO, H. C. Baquero [et al.] - *Nos confins da Idade Média*. Lisboa: IPM, 1992, p. 130.

ças que apresentam inscrição, permitindo datá-las com segurança, saber a sua proveniência e identificar os doadores, todos os outros objetos estão classificados e datados por comparação com exemplares europeus. As peças em metal esmaltado, atribuídas à época românica, têm sido datadas, quase sistematicamente, do século XIII. No inventário do *Tesouro Novo* (1188) da Sé de Viseu estão registadas *ij. arcas de esmaldo, iiij de candeleros de esmaldo e ij ditagus de esmaldo*². Segundo o autor do inventário, o tesoureiro D. Soeiro Mendes, o *Tesouro Novo* deveu-se à iniciativa de D. João Peres, bispo de Viseu entre 1179 e 1192³. É possível que as duas arquetas-relicário conservadas no espólio do Tesouro da Sé de Viseu, às quais já nos referimos, correspondam às duas arcas de esmaltes constantes do inventário. Contudo, cremos que o aspeto mais importante deste documento, que se revela de notável interesse, consiste no facto de asseverar a existência de peças de ourivesaria esmaltada em Portugal no último quartel do século XII ou, mais precisamente, entre os anos 1179 e 1188, permitindo o estabelecimento de uma cronologia mais fina relativamente a este tipo de objetos.

São várias as interrogações que hoje se colocam sobre as alfaías litúrgicas e o arranjo dos altares. Qual era afinal a quantidade e frequência destes objetos? Quais eram os seus usos? Que funções tinham? Quais as práticas e rituais em que se enquadravam? Havia outros, como *antependiæ*, retábulos, dosséis, etc., de que vários países europeus guardam importantes acervos? Eram produzidos em Portugal ou correspondiam com mais frequência a obras importadas?

Sobre a mesa do altar da época românica, e em tendência contrária ao que acontecia nos tempos da Alta

Idade Média, aparecem já pequenos retábulos, a cruz e castiçais⁴. Na face do altar voltada para a nave eram colocados frontais cuja variedade é importante registar. Poderiam apresentar uma placa de pedra com escultura, placas de madeira rebocadas e pintadas ora com programas iconográficos, ora com decoração vegetalista e geométrica, como bem nos mostram os exemplares das igrejas românicas catalãs, ora ainda revestimento em ouro e prata ou em tecidos ricos, como a seda.

O altar, na época românica, como polo do sagrado que sempre foi, situava-se habitualmente no primeiro tramo da cabeceira, permitindo a circulação à sua volta. A multiplicação dos altares é um fenómeno muito próprio da época românica, registando uma tendência já vinda dos tempos anteriores. O número de missas particulares e quotidianas tende a crescer ao longo dos séculos XII e XIII, com o conseqüente aumento de novos altares e mesmo de capelas no espaço interno da igreja, que por sua vez levaram à multiplicação da quantidade e variedade das alfaías litúrgicas.

É realmente na época românica que se inicia o hábito de prestar culto diante de imagens devotas esculpidas. Entre outras práticas de devoção ao perdão que se implementaram na época românica e então se avivam muito é de relevar, devido às conseqüências que tiveram no fenómeno da arte, a do sufrágio e as dádivas por alma. As dádivas e os testamentos possibilitaram fundos para obras e impuseram a necessidade de haver nas igrejas monásticas e catedrais numerosos altares para satisfazer as acrescidas obrigações da celebração de missas particulares.

Datam do século XII os primeiros retábulos que integram as coleções de arte medieval de museus e igre-

2 GOMES, Saul António - "Livros e alfaías litúrgicas do tesouro da Sé de Viseu em 1188". *Humanitas*. Vol. 54 (2002) 281.

3 Idem, p. 272-273.

4 ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de - *História da arte em Portugal: o românico*. Lisboa: Publicações Alfa, 1986. p. 48.

jas de Espanha, Itália, França e Suécia, entre outros. A concretização de inventários e a sua acessibilidade digital têm permitido, nos últimos anos, conhecer vários exemplares. Como recorda Justin E. A. Kroesen, numa recente publicação, os retábulos mais precoces que as fontes testemunham de forma inequívoca remontam à primeira metade do século XI, embora haja indícios que o seu aparecimento se tenha dado à volta do ano 1000⁵.

Em Portugal nenhum exemplar da época românica parece ter chegado até nós. Contudo, a documentação testemunha a sua existência. É no *Livro Preto* da Sé de Coimbra, concretamente no documento que diz respeito às obras e doações que o bispo de Coimbra, D. Miguel de Salomão (1162-1176), fez em favor da sua catedral e cabido, que encontramos matéria que permite distinguir um frontal de altar (*tabula de ante altare*) de uma *tabula de super altare*, ou seja, um retábulo⁶.

O bispo de Coimbra mandou aumentar a "tabulum altaris argenteum", encarregou mestre Ptolomeu de fazer uma "tabula de ante altare deaurata" e encomendou uma "tabula de super altare deaurata, historia annuntiationis Sancte Marie depicta"⁷. Esta referência a um retábulo com a representação da *Anunciação* é um dado precioso não só por nos informar sobre a existência de um retábulo realizado entre 1162 e 1180, mas também pelo facto de sabermos que nele figurava a *Anunciação*, iconografia que habitualmente julgamos ser mais frequente na época gótica.

O altar-mor da Sé de Coimbra estava ainda realçado e coberto por baldaquino e dossel apoiado em quatro colunas, do qual pendia uma pomba de prata que servia

para guardar a reserva eucarística⁸. Com os frontais em prata dourada, o retábulo da *Anunciação* deveria apresentar um aspeto algo semelhante ao conjunto equivalente da Catedral de Santiago de Compostela encomendado pelo arcebispo Gelmirez entre 1100 e 1135.

5 KROESEN, Justin E. A. - *Staging the liturgy: the medieval alter-piece in the Iberian Peninsula*. Leuven: Peeters Publishers, 2009, p. 15.

6 RODRIGUES, Manuel Augusto; COSTA, Avelino Jesus da - *Livro preto: cartulário da Sé de Coimbra*. Coimbra: Arquivo da Universidade de Coimbra, 1999, doc. 3, p. 10-11.

7 Idem, p. 10.

8 ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de - *História da arte em Portugal: o românico*. Lisboa: Publicações Alfa, 1986, p. 48; RODRIGUES, Manuel Augusto e COSTA, Avelino Jesus da - *Livro preto: cartulário da Sé de Coimbra*. Coimbra: Arquivo da Universidade de Coimbra, 1999, doc. 3, p. 10; COSTA, Avelino Jesus da - "A biblioteca e o tesouro da Sé de Coimbra nos séculos XI a XVI". *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*. N.º 38 (1983) 62.

Bibliografia

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de - *História da arte em Portugal: o românico*. Lisboa: Publicações Alfa, 1986. p. 48.

BARROCA, Mário Jorge - "Cálice". In MORENO, H. C. Baquero [et al.] - *Nos confins da Idade Média*. Lisboa: IPM, 1992. p. 130.

COSTA, Avelino Jesus da - "A biblioteca e o tesouro da Sé de Coimbra nos séculos XI a XVI". *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*. Coimbra: Universidade de Coimbra. N.º 38 (1983) 62.

GOMES, Saul António - "Livros e alfaias litúrgicas do tesouro da Sé de Viseu em 1188". *Humanitas*. Coimbra: Universidade de Coimbra. Vol. 54 (2002) 272-273.

KROESEN, Justin E. A. - *Staging the liturgy: the medieval altarpiece in the Iberian Peninsula*. Leuven: Peeters Publishers, 2009. p. 15.

RODRIGUES, Manuel Augusto; COSTA, Avelino Jesus da - *Livro preto: cartulário da Sé de Coimbra*. Coimbra: Arquivo da Universidade de Coimbra, 1999. Doc. 3, p. 10-11.